

Epistemologia das Ciências Sociais

Enfrentamentos e apontamentos entre três espaços geoepestêmicos e suas implicações metodológicas.

Felipe Vargas ¹

Camila Dellagnese Prates²

Rodrigo Ciconet Dornelles³

Resumo

Este artigo coloca em perspectiva três espaços geoepestêmicos cuja temática de estudos se direciona ao recente campo dos *Science Studies*. Todavia, a fim de não nos atermos exclusivamente a essa circunscção temática, a leitura dos pressupostos de cada espaço persegue um recorte epistemológico, deixando aberta a discussão para outras possíveis apropriações e enfrentamentos. Nesse sentido, nosso objetivo é explorar as tensões entre as “Escolas” de Edimburgo, de Bath e de Paris que emergiram ao longo da década de 1990 na Europa Continental tendo como ponto de apoio para a discussão as produções de seus principais expoentes. Levando estes confrontos a sério se percebe que há, antes de um pertencimento “escolar”, diversas linhas de cruzamento, muitas vezes indiscerníveis, em que cada espaço se instaura analogamente. É, contudo, no esforço de mapear, identificar e estabilizar cada uma dessas variantes e a especificidade de seus interlocutores que esse texto se debruça. Para acentuar essas diferenças, em um segundo recorte analítico, são apontadas as implicações metodológicas que esses espaços oferecem às ciências sociais, em especial à sociologia e à antropologia. É portanto, em termos de *posturas* e *escolhas* que esse texto se resume e, simultaneamente, se situa.

¹ UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Doutorado. Porto Alegre/RS/Brasil. CEP 91509-900. Integrante do Grupo de Pesquisa TEMAS - Tecnologia e Meio Ambiente e Sociedade, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural PGDR/UFRGS; do Grupo Ciências na Vida: produção de conhecimento e articulações heterogêneas, vinculado ao PPGAS/UFRGS. do Grupo Ator-Rede, vinculado ao Núcleo de Estudos de Ciência & Tecnologia e Sociedade - NECSO do Programa de Pós-Graduação em Informática da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Doutorado. Porto Alegre/RS/Brasil. CEP 91509-900. Integrante do Grupo de Pesquisa TEMAS - Tecnologia e Meio Ambiente e Sociedade, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural PGDR/UFRGS.

³ UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Doutorado. Porto Alegre/RS/Brasil. CEP 91509-900. Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduado em Ciências Sociais pela mesma universidade. Integrante do Grupo de Pesquisa Tecnologia e Meio Ambiente e Sociedade - TEMAS, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (UFRGS) e do Grupo Ciências na Vida: produção de conhecimento e articulações heterogêneas, vinculado ao PPGAS/UFRGS.

Palavras-chaves: Ciências sociais; espaços geopistêmicos; epistemologia; metodologia.

Abstract

This article puts in perspective three geopistemic spaces for which the thematic of studies is directed to the recente field of Sciences Studies. Meanwhile, in order not to exclusively stick up to this thematic circunscription, the reading of the premises of each space persues na epistemological cut, lefting the discussion opened to other possible apropriations and confrontatios. In this sense, our objectiv is to explore the tensions between the “School” of Edimburg, Bath and Paris that emerged during the 1990’s in Continental Europe, having as support, for this aim, the contributions of its main authors. Taking this confrontations seriously, it is realized that there are, before the “scholar belonging”, multiple lines of interchancheability, as indistinguisheable they are, in wich each space similarly hangs up. It is, however, in the effort to map, identify and stabilize these variants and the specificity of its representants that this text is adressed. With the pourpose to emphasize this diferences a second analytic cut point out the methodological implications they offer to the social sciences, especially sociology and anthropology. It is, therefore, in terms of postures and choices that this papper delas with, and, simultaneously, bets in.

Key-words: Social sciences; geopistemic spaces; epistemology; ,methodology.

Introdução

O presente artigo retrata as principais divergências emergidas ao longo da década de 1990 entre três correntes analíticas que advogam seu espaço de pertencimento nos estudos dirigidos ao problema conhecimento para as ciências sociais, em especial a questão do conhecimento científico. A dificuldade de apresentar essas tensões dentro do eixo espaço-temporal destas correntes sobrevém como decorrência direta de duas questões: a) os principais expoentes de cada uma procuram diferenciar-se entre si por meio da utilização de nomeclaturas e siglas para seu “próprio” campo de estudo, impossibilitando a utilização de classificações (comparativas) mais abrangentes; e b) o risco em se cair em uma narrativa teleológica de superação, ou de um acúmulo progressivo entre essas teorias e seus conceitos.

No que toca ao primeiro obstáculo, deixamos certa margem para que os atores falem (e defendam-se a si mesmos)! Quanto ao segundo, se procura evitá-lo a todo custo, construindo uma leitura de *depaysement* como sugere Todorov (1998), ou seja, tentamos habitar cada espaço, sem julgar qualquer um

deles a partir de qualquer outro. Isso sem cair, por outro lado, em um relativismo absoluto, admitindo a presença simultânea e problemática dos modos por meio dos quais os atores aqui discutidos nos sugerem “como fazer ciências sociais” (logo, qual construção epistemologia elaboram). Considera-se, portanto, que estas se caracterizam pela emergência de uma diversidade de possibilidades epistêmicas (FOUCAULT, 1969), dentre as quais certas costuras são possíveis e outras não.

Dessa forma, se faz necessário, primeiro, a aproximação a um critério espaço-temporal. Não tanto a ordem cronológica das obras e o enraizamento nacional dos autores, mas sim, antes uma geografia do pensamento. Utilizar-se-á, assim, a denominação de *espaços geoepistêmicos* para cada corrente, visto que, elas possuem historicidades singulares que demarcam suas epistemologias. Seguimos uma leitura de Deleuze e Guattari (1980, platô 4) feita por Dos Anjos⁴ onde esta expressão diz não somente da geografia física em que cada corrente se encontra, mas também da geologia do pensamento. Ou seja, a historicidade que os atravessa é um passado das ideias, conceitos e lógicas dentro de um território físico, mas também uma atualização de camadas históricas para além destes limites que compõe simultaneamente o presente e, portanto, podem ser compartilhadas como territórios do pensamento. A essa ideia, ainda em construção, de camadas do pensamento atualizadas junto à história do lugar corresponde o conceito de espaços geoepistêmicos.

Assim o critério espaço-temporal das escolas também é responsável pelos encontros e desencontros entre si, os quais são, muitas vezes, apontados pelos próprios autores. Nesse sentido, os episódios retratados no presente artigo, em certa medida, apresentam-se imersos nas trincheiras do que ficou conhecido como as “guerras da ciência” (STENGERS, 1996, p. 9-90 – tradução nossa).

Serão explorados, portanto, os encontros entre a “Escola de Edimburgo”, a “Escola de Bath” e a “Escola de Paris”, tendo, respectivamente, como seus principais representantes, David Bloor; Harry Collins e Steven Yearly;

⁴ Trata-se de um termo cunhado ao longo da disciplina de Tópicos Especiais: Epistemologias das ciências sociais no curso de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ministrada no segundo semestre de 2011 pelo professor José Carlos Gomes dos Anjos.

Bruno Latour e Michel Callon. Na esteira de evitar tropeços e também para nos atermos mais detidamente às discussões que emergiram no seio do debate, a análise procede, em um primeiro momento, pelo mapeamento das aproximações e tensões epistemológicas entre esses espaços e, em um segundo desdobramento, pelo estabelecimento de algumas implicações metodológicas inextricavelmente relacionadas a esses pressupostos. Ainda que possam aparecer ao longo do artigo tópicos e conceitos teóricos, estes são deixados em segundo plano.

Pretende-se, dessa forma, escapar de uma simples oposição de ideias. Se por um lado faz-se imperioso por em questão a própria utilização um tanto apressada do termo “Escolas”, cujo intuito seria vincular esses espaços à filiação de uma tradição intelectual teleológica, por outro é inegável que, a cada enfrentamento, os enunciados e premissas de cada um se distinguem profundamente, exigindo do leitor a familiaridade com certos aspectos históricos e os círculos de vizinhança que criaram as diferenças de entendimento epistemológico entre cada espaço.

No entanto, resgatar as aproximações de cada autor no seio de sua epistême demanda um fôlego que este artigo não contempla. Ao mesmo tempo não pretendemos resgatar a historicidade de cada espaço. Nosso esforço é propor algumas pistas para fugir da oposição sugerida, alertando o leitor para o fato de que estar vinculado a certa abordagem é também se colocar como herdeiro de um modo de fazer ciências sociais. Com isso, buscamos devolver às estas um problema *político*, acentuando as diferenças entre esses espaços e abordagens em torno das noções de uma *postura* metodológica e uma *escolha* situada.

Para a melhor visualização dos pontos nodais das disputas entre estes espaços, é possível visualizar após cada seção um quadro resumo. Ao final do artigo, como apêndice, reunimos essas fragmentos em um quadro integral.

Collins e Yearley para Latour e Callon; Latour e Callon para Collins e Yearley

A primeira contenda a ser apresentada e analisada colocou em oposição as propostas epistemológicas de Harry Collins e Steven Yearley, representantes

da chamada Escola de Bath, e Bruno Latour e Michel Callon, pertencentes à Escola Francesa. Exponentes respectivos dos campos denominados de *Sociology of Scientific Knowledge*, ou simplesmente SSK, e *Actor-Network-Theory* (ANT). Esse enfrentamento ocorreu em um seminal livro dos *Science and Technology Studies*, sigla STS, organizado por Andrew Pickering em 1992⁵.

Collins e Yearley, em seu artigo intitulado *Epistemological Chicken*⁶ (COLLINS; YARLEY, 1992) se atêm mais detidamente, ao livro de Bruno Latour, escrito em parceria com Steve Woolgar, intitulado *Laboratory Life* (1986), bem como ao famoso artigo de Michel Callon *Éléments pour une sociologie de la traduction* (1986). A partir desses dois escritos, os proponentes do campo de estudo dos SSK se permitem generalizar suas críticas à “French School” e, simultaneamente, direcionar seus argumentos a questões mais particulares da ANT.

De maneira geral, atacam, por meio de uma retórica severa, repleta de ironias e críticas, àquilo que eles acreditam ser uma encruzilhada intrínseca à ANT, visto que “enquanto essa abordagem parece, por um lado, radical e espantosa, por outro lado ela não fornece nenhuma contra-surpresa ao senso comum” (COLLINS; YEARLEY, 1992, p. 310 – tradução nossa). Na tentativa de serem mais “consistentes” na defesa de uma “simetria radicalizada” seus proponentes se demonstram os mais “conservadores” (COLLINS; YEARLEY, 1992, p. 310-311 – tradução nossa).

Aliam tais críticas à reflexividade científica, nó górdio dos escritos de Steve Woolgar, para propor que ambas variações analíticas incorrem no mesmo equívoco, qual seja, devolvem a autoridade dos fatos aos cientistas eles mesmos e, ainda que ofereçam “um vocabulário elaborado para descrever os meios de produção do conhecimento”, são incapazes de explicar “porque certas reivindicações científicas são aceitas e outras não” (COLLINS; YEARLEY, 1992, p. 322 – tradução nossa). O que aparece como o objeto de disputa aqui é a posição epistemológica e a força analítica das ciências sociais.

⁵ Nesse mesmo livro, Woolgar responde a Collins e Yearley, no artigo intitulado *Some Remarks about Positionism: A Reply to Collins and Yearley*. Contudo, devido à extensão da crítica preferimos não abordar de forma mais pormenorizada os argumentos levantados por Woolgar e sua tréplica.

⁶ Todos os artigos citados no texto estão em seu título original por dois motivos. Primeiramente foram as fontes diretas utilizadas para este papper. Em segundo lugar, citá-los na língua original traz os próprios termos do debate.

O objetivo central de Collins e Yearley é, com isso, demonstrar que as propostas de simetria radicalizada e reflexividade não demonstram qualquer avanço com relação ao SSK, ou melhor, que ambas as perspectivas seriam recuos teóricos e empíricos nos estudos de ciência e tecnologia. Esses autores, ao contrário, procurariam despotencializar o conhecimento produzido no âmbito das ciências naturais ao perceberem sua posição hegemônica na sociedade contemporânea visando, com isso, fortalecer o ponto de vista sociológico **sobre** a produção do conhecimento na sociedade moderna.

Sob quais pontos essa crítica se sustenta? Ou, em outras palavras, quais nós geopistêmico-metodológicos se encontram, especificamente, em questão *entre* esses dois espaços?

Curiosamente, Callon e Latour se afastam, para Collins e Yearley, dos postulados do construtivismo social francês e se aproximam, em contrapartida, de uma perspectiva “pós-relativista” na medida em que o princípio de simetria radicalizada seria estendido a todos os actantes (humanos e não-humanos). Nesse ponto, se pode visualizar, de modo bastante claro como esse enfrentamento epistemológico se costura com desdobramentos e implicações metodológicas irreconciliáveis.

A “Escola francesa”, ao simetrizar “todos os tipos de actantes”, desloca o papel central atribuído até então aos humanos. Para os pesquisadores britânicos o principal paradoxo da proposta de Callon e Latour que, em um primeiro momento poderia parecer radical, mas que, em um segundo momento se revelaria puro senso comum reside na possibilidade de um enunciado disciplinar: a ANT, ao sinalizar a existência de agência **dos** objetos, ou, nos termos desta teoria, dos não-humanos, estaria dando um “passo atrás”, retomando uma posição conservadora da filosofia hoje já ultrapassada pela história e a sociologia da ciência, especialmente aquela que ataca certo relativismo britânico pós Thomas Khun, pilares, aliás, sob os quais a SSK se edificou. É no mínimo curioso ver como os autores britânicos se colocam numa “ultrapassagem” do relativismo anglo-saxão e colocam a “Escola francesa” como “retardatária” em seu próprio território geopistêmico.

Para os sociólogos de Bath, o campo de estudos dos SSK “tem mostrado que a aparente independência do poder do mundo natural é garantido pelos seres humanos em negociação social” (COLLINS;YEARLEY, 1992, p. 310). O

que se passa em um laboratório em termos de *inscrições*, conceito chave desenvolvido por Latour e Woolgar em *Laboratory Life*, é antes o resultado dos conflitos e dos processos de tomada de decisão do que a pertinência da reação dos objetos. Isso faz de Latour, segundo eles, “menos que um *expert*” (COLLINS; YEARLEY, 1992, p.311). Poderíamos acrescentar, apenas um jornaleiro das ciências.

É, dessa forma, na defesa de uma *postura do desarmamento* como um mecanismo de crítica às “ciências duras” que o sociólogo deve atuar, somando ao conteúdo da descoberta científica forças às quais os pesquisadores eles mesmos mobilizam e também depuram dos fatos. Como podemos ver a seguir essa postura é diametralmente oposta àquela elaborada, ao longo de seus primeiros anos, nos corredores da École des Mines.

É, portanto, com um tom não menos irônico e combativo em seu artigo *Don't throw the baby out with the bath school! A reply to Collins and Yearley* que Callon e Latour, a seu turno, respondem, dois capítulos adiante naquele mesmo livro, a essas críticas (CALLON; LATOUR 1992). Para esses, a acusação de conservadorismo feita por Collins e Yearley só é possível como efeito da posição epistemológica crítica herdada do referencial tradicional durkheimniano que eles ocupam, o qual, a sua vez, não é partilhado pela dupla francesa.

Os principais expoentes de Bath situam-se no “Grande Divisor⁷” kantiano, que separa sociedade de natureza em dois pólos distintos, ou câmaras (LATOUR, 2004). A defesa de uma explicação sociológica para os fatos científicos acaba, por um movimento reverso, *naturalizando* aquilo que é social em detrimento daquilo que químicos, biólogos e físicos chamam de natural. A noção de uma “construção social dos fatos científicos⁸” representa, à imagem e semelhança, o mesmo “tipo” de forças que perpassam a descoberta dos fenômenos naturais, diferindo apenas de grau.

⁷ Para uma crítica antropológica ao “Grande Divisor”, que em muito se alia ao pressuposto simétrico e tece, em seu turno, uma crítica bastante distinta daquela dos autores britânicos ver GOLDMAN (1999).

⁸ É importante salientar que Latour e Woolgar modificaram o título de seu livro, *Laboratory Life*, quando do lançamento da sua segunda edição retirando a palavra “social” do subtítulo “the social construction of scientific facts” precisamente para evitar essa contradição. Para tanto ver Woolgar; Latour, 1986, p. 273-286. Para um aprofundamento desta discussão ver Latour, 2005, p. 88-106.

Segundo Callon e Latour, Collins e Yearley podem, com isso, adentrar em um campo de disputas pela “verdade” da natureza, sem contudo questionar a própria partição ontológica moderna que separa cada qual - natureza e sociedade - em dois lados de uma mesma moeda: uns defendem a força “natural” da natureza, outros a força “natural” do social. É por recusar essa oposição que atravessa toda a filosofia moderna (LATOOUR, 1997) que estes franceses defendem uma *postura de ceticismo* metodológico⁹.

Para eles, portanto, toda *ex-plicação* pressupõem a exterioridade do pesquisador em relação ao objeto pesquisado. Ao contrário, a minuciosa descrição implica o pesquisador em uma relação de risco: nem o sujeito nem o objeto estão previamente definidos. Nesse sentido, as “explicações podem não ser desejáveis [...] Uma completa descrição das dinâmicas da rede pode prover uma melhor explicação, ao final de tudo, do que a procura ilusória por causas” (CALLON; LATOUR, 1992, p. 362). A crítica se estende e o sarcasmo emerge no texto: “tal como nós, Collins é melhor descrevendo do que explicando” (CALLON; LATOUR, 1992, p. 362).

Ao refutar a ideia de uma explicação social, o princípio de simetria radicalizada não procura alternar entre o realismo social e o realismo natural, mas sim perceber a sociedade e a natureza como resultantes de um mesmo processo, ou seja, como um imbróglio *ontologicamente indissociável*, cuja purificação seria uma tentativa reveladora do mundo moderno, pois expõe que dissociar esse par gera seus efeitos, inclusive, o fracasso de uma purificação completa. Não se colocar no meio do caminho na tentativa de jogar uma câmara contra a outra purificando seus efeitos, ou tampouco conciliá-las, mas sim, suspendê-las enquanto grade homogênea de leitura do mundo.

Para ilustrar de forma mais esquemática as suas divergências com os SSK, assim como em relação às perspectivas construtivistas nos estudos de ciência e tecnologia, Callon e Latour elegem quatro pontos os quais são identificados como problemáticos na proposta dos estudos dos SSK. Esses quatro pontos se situam em um mesmo eixo, qual seja, a divisão moderna: 1) a bipolaridade sociedade/natureza enrijece a sociologia e impede a manifestação

⁹ Para uma ampla discussão desta postura em termos de regras metodológicas ver Latour [1989] 2005; para um caso analítico sobre esse e outros pressupostos ver Callon, 1986.

do gradiente de agências mobilizadas pelos cientistas; 2) se há uma diferença entre esses pólos ela não pode ser estabelecida pela atribuição ou retirada de intenção entre eles, mas pode ser visualizada *in loco*, enquanto se transformam mutuamente; 3) natureza e sociedade não são causas, mas efeitos de processos inextrincáveis; 4) a definição daquilo que é observável passa assim, antes pelo rastro das coisas, pessoas, instituições, argumentos, do que esses conjuntos eles mesmos.

Collins e Yearley (1992b) tiveram direito de resposta, no mesmo livro. O artigo *Journey into the space* treplica os argumentos de seus colegas franceses, enfatizando suas críticas no que diz respeito à agência dos objetos: “insistimos que C&L equivocadamente reificam relatos e que nós temos que trabalhar com a suposição de que existe somente um tipo de coisa – poder garantido pela agência humana” (COLLINS; YEARLEY, 1992b, p. 386). De resto, o aparato semiótico da ANT seria apenas “cosmético” para aqueles que não se satisfazem em viver em um “mundo imperfeito” (COLLINS; YEARLEY, 1992b, p. 387).

Quadro 01: Síntese das divergências entre os espaços geoepestêmicos dos SSK e da ANT

	Escola de Bath (principal representante: Harry Collins)	Escola de Paris (principal representante: Bruno Latour)
Dimensão teórica	Microsocial, situada para análise da controvérsia científica	Microsocial em rede
Principal teoria:	Empirical Program of Relativism (EPOR) e Social Construction of Technology (SCOT)	Actor- Network- Theory (ANT)
Principal conceito de controvérsia entre as escolas:	Simetria: trata da mesma forma as crenças e as causas que levam ao erro e ao acerto no conhecimento científico	Simetria generalizada: mais do que considerar que o racional e o irracional devem ser analisados da mesma forma, Latour quer expandir essa simetria para a análise dos fenômenos fornecendo com pesos iguais a sociedade e a natureza.

Posição ontológica:	Baseia-se na ontologia kantiana, da tradição Durkheimiano, na qual, a natureza é objeto da sociologia através de sua representação na sociedade.	Nova ontologia, que busca, através dos híbridos, apontar as assimetrias realizadas pela sociologia desde Durkheim.
Relação sociedade e natureza:	Natureza e sociedade em pólos opostos	Híbridos apontam que a separação dos pólos: Natureza e sociedade é inadequada para explicar a realidade dos fenômenos sociais.
Metodologia:	Descrever e explicar os acontecimentos no laboratório.	Descrição dos acontecimentos, mapear os principais atores e segui-los para situá-los em uma rede.
Implicações metodológicas ao utilizar o referencial teórico escolhido:	Análise da controvérsia científica na forma de um regresso do experimento científico, para descrevê-lo e depois analisá-lo.	A rede, na análise Latouriana, é um instrumento de leitura da realidade, é nela que as cadeias de associação se apresentam. O papel do pesquisador é seguir a rede, considerando os agentes humanos e não-humanos inseridos nela, para mapeá-la.

Lotar para Bloor; Bloor para Latour.

Publicado em 1999, na Revista Elsevier Science Ltda. na série *Studies on History and Philosophy of Science*, o texto *Anti-Latour*, de David Bloor, representou um momento de demarcação e ruptura para aquele que elaborou, em primeira mão, o princípio de simetria (BLOOR et. al., 1996; COLLINS e EVANS, 2010) e a proposta de radicalização perpetrada pelo filósofo francês Bruno Latour. Na primeira página de seu texto Bloor não deixa dúvidas quanto à essa tensão: “na realidade, as duas abordagens são profundamente opostas” (BLOOR, 1999, p.81 – tradução nossa).

Como aponta o sugestivo título do texto, o objetivo de Bloor é afirmar o lugar de refutação de seu espaço geopistemológico em relação ao marco de análise proposto por seu “colega” francês. Para tanto, sua análise parte de dois eixos principais: desenha, sinteticamente, os pressupostos analíticos do

Programa Forte¹⁰ em sociologia do conhecimento (doravante Strong Program (SP), na sigla em inglês) e faz, a partir deste lugar, sua leitura do referencial da ANT, retrazendo os argumentos que Latour teceu, ao longo de suas próprias obras, sobre o SP.

A partir desses dois eixos Bloor aponta cinco “má compreensões” que Latour faz sobre o SP. Antes de invalidar a coerência ontológica e epistêmica de Latour, Bloor pretende demonstrar a inaplicabilidade empírica de suas regras e princípios metodológicos. Estas ficam explícitas ao longo de seu texto, como sintetizamos a seguir.

Nas páginas subseqüentes do mesmo periódico, Latour responde às críticas em *For David Bloor...and beyond: a reply to David Bloor's 'Anti-Latour'* (LATOURE, 1999). Neste texto, Latour traça a inconsistência de cada argumento devolvendo a seu oponente “quatro assimetrias”. Por meio delas, é apresentada sua leitura dos pressupostos do SP e são expostas, objetivamente, as escolhas analíticas no campo que ficou conhecido como *Science Studies* (SS, na sigla em inglês) (LATOURE, 1999).

De início, esse embate se fez visível de maneira bastante pontual. Logo, cabe a nós não o complicar em demasia. Se nosso objetivo é fornecer um leque de escolhas epistemológicas e metodológicas às ciências sociais amplificando as diferenças entre esses três espaços geopistêmicos, o esforço aqui deve ser o de jogar com essas perspectivas com as cartas que cada uma põe em jogo. Não obstante, de maneira a não reproduzir massivamente cada ponto, trazendo as derivações que deles se pronunciam, escolhemos uma leitura conjunta de tais questões; uma espécie de “toma lá, dá cá”.

Sendo assim, a primeira “má compreensão” de Latour para com Bloor sobrevém do argumento de que o SP se encontra ancorado em um construtivismo radical, situado, internamente ao esquema dicotômico sociedade-natureza, no polo do social. Para Latour um empreendimento desse porte busca explicar a natureza a partir da sociedade e é nesse sentido que o sociólogo

¹⁰ Programa Forte é a linha de pensamento desenvolvida por David Bloor na década de 1970, na universidade de Edimburgo. Enquanto linha de pensamento questiona o estatuto de verdade científica. Deste modo constrói uma epistemologia para que as Ciências Sociais possam questionar a simetria entre verdade e erro como causas cuja lógica explicativa obedeceria construções assimétricas das descobertas e falhas científicas (a verdade da descoberta se daria pela generalidade e teleologia científica, e o erro pela interferência da exterioridade social)

britânico não é radical o suficiente, porquanto não estende a simetria da verdade e do erro à força fundante da modernidade.

Para expor esse engano interpretativo, Bloor relembra o nó górdio do princípio de simetria. Em oposição à longa tradição anglo-saxônica de que a racionalidade científica era representativa da certeza e da verdade, na qual uma sucessão de fatos lineares levariam, com isso, à descoberta científica o postulado simétrico assevera que “ambos, verdadeiro e errado, ideias racionais e irracionais, conquanto sejam coletivamente sustentadas devem ser igualmente objeto da curiosidade sociológica e devem ser todos explicados por referência aos mesmos tipos de causas” (BLOOR, 1999, p. 84 – tradução nossa).

O estatuto da atividade científica defendida por Bloor é o de uma prática coletiva. A meta do sociólogo é buscar as regularidades que operam internamente a cada campo do conhecimento científico. A sociologia deve, assim, “se ocupar das condições que dão lugar a crenças ou aos estados de conhecimento”. Seriam elas a *causalidade*; ser *imparcial* tanto em relação ao falso quanto ao verdadeiro; e utilizar, por conseguinte, uma explicação *simétrica*, onde o mesmo tipo de causas explica o erro e o acerto. Diferentemente de Collins e Yarley, todavia, a sociologia não detém a primazia da análise e o faz por meio da *reflexividade*, submetendo esses mesmos princípios a ela mesma para que não se torne “uma refutação viva de suas próprias teorias” (BLOOR, 1998, p. 38 – tradução nossa).

Bloor, portanto, não pretende explicar a natureza, mas sim as crenças compartilhadas sobre a natureza (BLOOR, 1999, p.87 – tradução nossa). Se, como vimos no tópico anterior, o objeto da disputa é, da mesma forma, um projeto sociológico, o palco do confronto aqui não reside sob a superfície de epistemologia privilegiada, mas sim sob o solo da ontologia social. Isso implica em diferenças de estatuto concedidas ao objeto sociológico e, igualmente, em divergências metodológicas importantes, e, como não poderia deixar de ser, incomensuráveis.

Em termos metodológicos, o SP incita o pesquisador em mapear o nexo de causalidade entre sujeitos, objetos e suas práticas e, com isso, explicar seu funcionamento. Para o sociólogo britânico David Bloor, a sociedade é parte da natureza e o conhecimento é portanto, entendido como um fenômeno natural.

Encontramos aqui a segunda “má compreensão” de Latour, segundo Bloor. O filósofo francês teria distorcido o princípio da simetria em busca de uma ontologia que escapa a nossa realidade. Isso não significa para Bloor, deixemos claro, que a sociologia não pode falar do conteúdo científico, mas sim que esse mesmo conteúdo não comporta senão a transformação das representações humanas. Nesse ponto, para Latour, o sociólogo britânico é “assimétrico” porquanto preso à tradição do “fato social” que nos remete novamente à Durkheim (2008).

Há um descompasso entre os argumentos trazidos por Bloor e sua mesma fundamentação. A Escola de Edimburgo se utiliza da sociedade como uma tautologia: a “natureza auto-referencial da sociedade” (LATOURE, 1999, p. 118). Em outras palavras, se o conhecimento é algo natural da sociedade, estaríamos buscando no sujeito o próprio objeto causal.

O argumento de Latour ganha sua potência na contestação a essa circularidade do conhecimento que podemos traduzir de modo bastante simples em enunciados do tipo: por que os Azande se utilizam da bruxaria? Porque sua sociedade adquiriu práticas que...; ou por que os modernos se diferenciam das demais sociedades em termos de conhecimento? Porque sua sociedade inventou a... Poderíamos, com Deleuze, chamar essas questões de falsos problemas, pois o que suscita a pergunta se confunde com sua resposta (DELEUZE, 1999).

Como um desdobramento desse argumento, Latour (1999, p. 118 – tradução nossa) traz a segunda “assimetria” cometida por Bloor:

Eu traduzi, publiquei, pensei, discuti e defendi por dez anos as contribuições dos SSK [...] David, por outro lado, só recentemente aprendeu sobre nossa existência e não teve tempo, ao que parece, de aplicar os estranhos princípios que desenvolvemos a nenhuma situação concreta e empírica.

Essa proposição remete o leitor ao principal jogo de argumentos que perpassa ambos os artigos, qual seja, o esquema sujeito-objeto tomado por perspectivas ontologicamente distintas. Aqui é importante romper com a ordem numérica dos argumentos apresentados, visto que, a quinta “má compreensão” e a segunda “assimetria” se encontram neste jogo.

Bloor nega ter afirmado a “inércia” dos objetos e assevera que esses têm, sim, agência, porquanto “estimulam nossos órgãos de sentido” e “impingem em nós uma mistura de formas sutis e não-sutis” (BLOOR, 1999, p. 91). Latour, a seu turno, aponta que o agenciamento contempla a habilidade de *fazer a diferença* e, sendo assim, a questão a ser levantada não é se os objetos possuem um papel, mas sim, *qual papel ele desempenham* (LATOURE, 1999, p. 116).

A ontologia das ciências sociais reside, para o sociólogo britânico, na coletividade das representações sociais, para o filósofo francês nas múltiplas possibilidades de associação entre humanos e não humanos. Eis porque, para Latour o investigador se ocupa de ontologias no plural. O estatuto do social é distinto: para o primeiro se trata das correntes de crença como condição social “inata”; para o segundo se trata de outras correntes ainda desconhecidas, das quais muitas parecem ser nada antropomórficas. Portanto, o princípio de simetria serve de veículo de uma disputa alocada em outro domínio¹¹.

Chegamos, dessa forma, a terceira “má compreensão” de Latour: “Ao contrário de acreditar, como Latour pensa, que ninguém tem acesso ao real, a posição seria melhor expressada pelo slogan: todas as culturas estão igualmente próximas à natureza”¹² (BLOOR, 1999, p. 88 - tradução nossa). Bloor defende que o esquema sujeito-objeto deve ser mantido, porquanto

O *link* entre auto-referência e referência externa é que o último pressupõe o primeiro. É só coletivamente sustentando uma série de conceitos que uma genuína e coerente referência a uma realidade exterior se torna possível” (BLOOR, 1999, p. 109, tradução nossa).

Latour não crê em uma realidade exterior. Segundo esse autor, a sociedade e a natureza são representações humanas cuja única finalidade é dividir o coletivo de maneira a impossibilitar a tarefa política de acessar e compor um mundo comum (LATOURE, 2004). A externalidade é um efeito recalcitrante.

Para Bloor, o nexos de causalidade indica a existência de uma representação coletiva: se ‘A’, então ‘B’; e ‘B’ é acessível, a sua vez, mediante a

¹¹ Latour faz uma ressalva em *Políticas da Natureza* (1999, p. 354) e em *Reassembling the social* (2005, p 74) que preferiu abandonar a ideia de simetria justamente pelos equívocos de interpretação que foram suscitados ao longo dos anos.

¹² Chamando, inclusive, a posição de Latour de politicamente reacionária.

simplificação, filtragem e seletividade das formas de representação da natureza. E quem faz esse trabalho é o pesquisador (BLOOR, 1999, p. 90). Para a “Escola de Paris” não existe nada por trás ou por baixo dos actantes eles mesmos e a tarefa do cientista social é, nesse sentido, segui-los, descrevendo minuciosamente suas atividades nos entremeios das redes de relações, não adotando, *apriori*, qualquer postura capaz de limitar a prática de *coletar* essas práticas.

É dessa forma, por intermédio do conceito de rede como instrumento de leitura da realidade, que o pesquisador pode mapear as diferentes variações ontológicas das práticas coletivas. Todo actante que faça uma diferença não age por si mesmo, mas está, antes, deixando um rastro do encadeamento da ação. Para isso, é preciso “seguir os atores eles mesmos” (LATOUR, 1999, p. 128 – tradução nossa).

Na sequência do debate, a questão do tempo volta a aparecer no texto de Latour na forma da terceira “assimetria”:

Eu estaria tentado a dizer que as únicas fontes a serem cotadas e disputadas são os artigos os quais *eu estou presentemente trabalhando*, mas essa eu concordo, seria uma resposta pobre (LATOUR, 1999, p. 115, grifos no original – tradução nossa).

Assim, o filósofo francês acentua que enquanto ele prosseguiu seu caminho acadêmico¹³, experimentando e mudando suas perspectivas, Bloor se manteve estagnado, replicando o que nós chamaremos, no escopo deste artigo, de uma *postura de circunspeção*. Em outros termos, ao se levar demasiadamente a sério, esse autor permite às suas categorias explicativas persistirem na relação de pesquisa, sendo reflexivamente modificáveis em si e por si mesmas.

Nesse sentido, a crítica mais potente que Bloor faz a Latour é que este topicalizou o “*esquema sujeito-objeto*” (BLOOR, 1999, p. 106 e s – tradução nossa.). É precisamente esse o nó górdio do confronto: Latour “*topicaliza*” um tema que Bloor entende como recurso (LATOUR, 1999, p. 120 e s.).

¹³ Latour, aliás, aponta uma série de artigos que ele escreveu em parceria com Callon, especialmente nos anos 1980, e que foram bastante influenciados pelas propostas de David Bloor.

Por em questão a partição ontológica sociedade-natureza e suas implicações no desenho sujeito-objeto é exatamente o que propõe o filósofo francês. Isso significa recusar *a priori* as dicotomias modernas e se situar, metodologicamente, na cunha – no lugar híbrido – onde os cientistas produzem referidas partições, conferindo o caráter de “empiricidade” a uma série de conceitos (inscrição, visualização, tradução, trilhas, mediação, nomes de ação, caixa-preta, historicidade das coisas) que buscam uma relação direta entre pesquisador e pesquisado, sem a intermediação das representações.

A fim de não alongar a discussão – posto que os autores já o fizeram! – a quarta “assimetria” levantada por Latour e a quarta “má compreensão” discutida por Bloor serão expostas como repercussões de um mesmo tópico. Se, por um lado, é possível levantar a existência de um certo narcisismo acadêmico nesse momento, nossa discussão pretende, com essa tensão levantar o enunciado derradeiro que nos permite sugerir, com a ANT, uma outra postura investigativa.

Latour chama ‘para seu lado’ uma série de pesquisadores e representantes simpáticos à sua proposta e, simultaneamente, avessos aos SSK. “Se alguém pode ler claramente nos trabalhos de Bloor e Barnes um sumário da Escola de Edimburgo, o trabalho no qual eu me sustento, e que eu tenho agora que defender, envolveria visitar muitos dos estudos em ciência e tecnologia” (LATOUR, 1999, p. 115).

É nesse íterim, levando em conta uma discussão voltada à noção de ontologia *política*, que se lê as implicações finais dessa batalha:

Latour confundiu dois alvos: o esquema sujeito-objeto e o jogo de atribuir as proporções de influência exercidas pela natureza e pela sociedade. Ele os conduz juntos quando, realmente, eles são separáveis e tipicamente separados. A concepção de Latour do Programa Forte como um jogo de soma zero entre sociedade e natureza está errado. Existem, com efeito, dois componentes ou fatores no conhecimento, mas eles não estão ligados em um estilo de soma-zero que Latour apresenta [...] Todo conhecimento sempre depende da sociedade. É por isso que, como eu tenho argumentado e os estudos de caso demonstram, a sociedade é o veículo necessário para sustentar uma relação cognitiva correta com o mundo. (BLOOR, 1999, p. 110 – tradução nossa).

Eu aprendi, com o passar dos anos, que todos os questionamentos metodológicos estão baseados em metafísicas e que toda metafísica está no coração das questões morais e políticas [...] Eu reivindico, assim, que toda distinção entre Natureza e Sociedade torna impossível *registrar* as diferenças assimétricas que as cadeias de associação produzem quando eles se encontram uma a outra [...] Então, marcar uma borda entre convencionalidade de um lado e neutralidade dos dados de outro

é uma arma patética contra o absolutismo. Na verdade, isso *encoraja* o absolutismo [...] O que David tem a audácia de chamar de “sensibilidade empírica” eu irei chamar de epítome de “insensibilidade política” [...] A alternativa que eu prefiro é engajar-se em uma completa reconfiguração da origem da noção de ‘natureza’. Natureza é o conceito a ser ‘topicalizado’. É por meio da natureza que toda a história do absolutismo se desenvolveu (LATOUR, 1999, p. 127, com grifos no original – tradução nossa).

Enquanto o projeto analítico de David Bloor se posiciona expressamente a favor da explicação fornecida pelas ciências sociais, Latour almeja, segundo ele mesmo, distribuir esse poder de representação. É, com isso, em uma *postura afeciva* que a perspectiva ontológica e metodológica de Latour se traduz. O conhecimento é coproduzido (JASANOFF, 2004) por meio da permutação de propriedades contingentes à situação da pesquisa a qual recoloca a todo instante a relação entre pesquisador e pesquisado. Estar atento as transformações destes lugares e suas tensões, a cada situação, é estar aberto a forças que deslocam os agentes envolvidos.

Quadro 02. Síntese das divergências epistêmicas entre os espaços do SP e da ANT

	Escola de Edimburgo (principal representante: David Bloor)	Escola de Paris (principal representante: Bruno Latour)
Dimensão teórica	Macrossocial	Microsocial em rede
Principal teoria:	Strong Program (SP)	Actor- Network- Theory (ANT)
Principal conceito de controvérsia entre as escolas:	Simetria: trata da mesma forma as crenças e as causas que levam ao erro e ao acerto no conhecimento científico	Simetria generalizada: mais do que considerar que o racional e o irracional devem ser analisados da mesma forma, Latour quer expandir essa simetria para a análise dos fenômenos fornecendo com pesos iguais a sociedade e a natureza.
Posição ontológica:	Baseia-se na ontologia kantiana, da tradição Durkheimiano, na qual, a natureza é objeto da sociologia através de sua representação na sociedade.	Nova ontologia, que busca, através dos híbridos, apontar as assimetrias realizadas pela sociologia desde Durkheim.

Relação sociedade e natureza:	Natureza e sociedade em pólos opostos	Híbridos apontam que a separação dos pólos: Natureza e sociedade é inadequada para explicar a realidade dos fenômenos sociais.
Metodologia:	Seguir os 4 passos do Programa Forte: 1) Causalidade, 2) Simetria; 3) Imparcialidade; 4) Reflexividade;	Descrição dos acontecimentos, mapear os principais atores e segui-los para situá-los em uma rede.
Implicações metodológicas ao utilizar o referencial teórico escolhido:	Procurar nexos de causalidade entre os acontecimentos para explicá-los, esse exercício só é possível por meio da simplificação da natureza. É realizada uma redução sociológica da realidade, através da representação da natureza.	A rede, na análise Latouriana, é um instrumento de leitura da realidade, é nela que as cadeias de associação se apresentam. O papel do pesquisador é seguir a rede, considerando os agentes humanos e não-humanos inseridos nela, para mapeá-la.

Considerações finais

Procuramos, ao longo deste artigo, manter uma postura de exposição dos debates firmados entre os autores supracitados. Apresentamos os principais argumentos das posições teóricas e epistemológicas desses autores e, se assim podemos chamar, essas “Escolas” de pensamento dos estudos em ciência e tecnologia. Optamos por esse primeiro par de movimentos para retratar, por meio dos embates ocorridos ao longo dos anos 1990, o modo como Harry Collins, Steven Yearley, Bruno Latour, Michel Callon e David Bloor foram levados ao limite para expor e argumentar em favor de suas proposições.

Apesar de termos nossas preferências individuais, buscamos no decorrer do texto, não torná-las explícitas. Primeiro para não sobrepor narrativas; segundo para evitar um tom de progresso ou retrocesso; terceiro para não impossibilitar a própria escrita do texto travando-o a cada discordância. Nesse sentido, adotamos certo ceticismo com relação ao tom de triunfo ou de catástrofe que emerge entre as partes quando são levados a cabo debates tão intensos e sofisticados como os utilizados para compor este artigo.

Ainda assim, se faz necessário minimamente pontuar nossas escolhas. Optamos por fazê-lo levando em conta um ponto comum indepassável, qual seja,

a proposta francesa de afecção: estar aberto ao conjunto desconhecido de forças que “inter-agem” na relação de pesquisa sugere uma atitude política mais prudente que as demais, visto que não se trata de fazer da realidade um objeto transparente à luz do sujeito que a interroga. Em certa medida essa é uma proposta mais fecunda às ciências sociais, porquanto retiram do lugar de enunciação acadêmico-científico a primazia da relação privilegiada entre verdade e inteligibilidade diante de um mundo extremamente complexo.

Latour e Callon não só colocam essa questão em pauta, como fornecem ferramentas para expor-la mais detidamente. Diferentemente dos SSK e do SP, tais ferramentas não são autosuficientes: elas apontam para a necessidade de operar antropológica e sociologicamente com outros saberes numa espécie radical de vigilância que recoloca às humanidades o desafio de se repensar desde àqueles aos quais ela se dirige (os chamados “objetos de estudo” de Bloor, Collins e Yearley).

Contudo, se podemos nos utilizar de toda caixa de ferramentas conceituais destes autores, incluindo agora todos aqueles aqui retratados, um pouco de cautela se faz indispensável. Antes de pegar a estrada **escolha** com cuidado, pois o caminho pode levar a destinos desencontrados, especialmente aos que decidem enfrentar costuras entre duas das possíveis “rotas” ao mesmo tempo.

Referências

BLOOR, David. **Conocimiento y imaginario social**. Espanha: Gedisa editorial, 1998.

_____. Anti-Latour. **Studies on history and philosophy of science**, Londres, vol. 30, n. 1, pp. 81-112, 1999.

BLOOR, David; BARNES, Barry e HENRY, John. **Sociology of scientific knowledge: a sociological analyses**. Chicago: The University Chicago Press, 1996.

CALLON, Michel. **Éléments pour une sociologie de la traduction: la domestication des coquilles Saint-Jacques et des marines-pêcheurs dans la Baie de San Brieuc.** *L'Année sociologique*, Paris, n. 36, p. 169-208, 1986.

CALLON, Michel; LATOUR, Bruno. **Don't throw the Baby Out with the Bath School! A Reply to Collins and Yearley.** In: PICKERING, Andrew (ed.). *Science as Practice and Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1992, p. 343-368.

COLLINS, Harry; EVANS, Robert. **Repensando a expertise.** Belo Horizonte, Fabrefactum, 2010.

_____. **Epistemological Chicken.** In: PICKERING, Andrew (ed.). *Science as Practice and Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1992, p. 301-326.

COLLINS, Harry; YEARLEY, Steven. **Journey Into Space.** PICKERING, Andrew (ed.). *Science as Practice and Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1992, p. 369-389.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo.** Trad. Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mille plateaux.** Paris: Le Minuit, 1980.

DURKHEIM, D. Émile. **As regras do método sociológico.** Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Matrín Claret, 1^a ed., 3^a reimpressão, 2008.

FOUCAULT, Michel. **L'archéologie du savoir.** Paris: Gallimard, 1969.

GOLDMAN, Márcio. **Como se faz um Grande Divisor?** In: GOLDMAN, Márcio. *Alguma Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

JASANOFF, Sheila. **The idiom of coproduction**. In: JASANOFF, S. (org). *States of knowledge: the coproduction of science and social order*. London: Routledge, 2004

LATOUR, Bruno. **Nous n'avons jamais été modernes**. Paris: Éditions La découverte/poche, 1991.

_____. **For David Bloor... and beyond: a response for David's Bloor 'Anti-Latour'**. *Studies on history and philosophy of science*, vol. 30, n. 1, pp. 113-129, 1999.

_____. **A esperança de Pandora: ensaio sobre a realidade dos estudos científicos**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

_____. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia**. Trad. Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

_____. **Reassembling the social: an introduction on Actor-Network Theory**. New York: Oxford University Press, 2005.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **Laboratory Life: the construction of scientific facts**. *New Jersey: Princeton University Press, 1986*.

OXFORD ADVANCED LEARNER'S DICTIONARY. New York: Oxford University Press, 2005.

PICKERING, Andrew (ed.). **Science as Practice and Culture**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

STENGERS, Isabelle. **Cosmopolitiques I**. Paris: Éditions La découverte & Les empêcheurs de penser en rond, 1996.

TODOROV. Tzevedan, **L'homme dépaycé**. Paris: Seuil, 1998.

WOOLGAR, Steve. **Some Remarks about Positionism: A Reply to Collins e Yearley.** In: PICKERING, Andrew (ed.). *Science as Practice and Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1992, p. 327-342.

APÊNDICE - Quadro síntese final

	Escola de Edimburgo (principal representante: David Bloor)	Escola de Bath (principal representante: Harry Collins)	Escola de Paris (principal representante: Bruno Latour)
Dimensão teórica	Macrossocial	Microsocial, situada para análise da controvérsia científica	Microsocial em rede
Principal teoria:	Strong Program (SP)	Empirical Program of Relativism (EPOR) e Social Construction of Technology (SCOT)	Actor- Network-Theory (ANT)
Principal conceito de controvérsia entre as escolas:	Simetria: trata da mesma forma as crenças e as causas que levam ao erro e ao acerto no conhecimento científico	Idem ao Bloor	Simetria generalizada: mais do que considerar que o racional e o irracional devem ser analisados da mesma forma, Latour quer expandir essa simetria para a análise dos fenômenos fornecendo com pesos iguais a sociedade e a natureza.
Posição ontológica:	Baseia-se na ontologia kantiana, da tradição Durkheimiano, na qual, a natureza é objeto da sociologia através de sua representação na sociedade.	Idem ao Bloor	Nova ontologia, que busca, através dos híbridos, apontar as assimetrias realizadas pela sociologia desde Durkheim.
Relação sociedade e natureza:	Natureza e sociedade em pólos opostos	Idem ao Bloor	Híbridos apontam que a separação dos pólos: Natureza e sociedade é inadequada para explicar a realidade dos fenômenos sociais.
Metodologia:	Seguir os 4 passos do Programa Forte: 1) Causalidade, 2) Simetria; 3)Imparcialidade; 4) Reflexividade;	Descrever e explicar os acontecimentos no laboratório.	Descrição dos acontecimentos, mapear os principais atores e segui-los para situá-los em uma rede.

<p>Implicações metodológicas ao utilizar o referencial teórico escolhido:</p>	<p>Procurar nexos de causalidade entre os acontecimentos para explicá-los, esse exercício só é possível por meio da simplificação da natureza. É realizada uma redução sociológica da realidade, através da representação da natureza.</p>	<p>Análise da controvérsia científica na forma de um regresso do experimento científico, para descrevê-lo e depois analisá-lo.</p>	<p>A rede, na análise Latouriana, é um instrumento de leitura da realidade, é nela que as cadeias de associação se apresentam. O papel do pesquisador é seguir a rede, considerando os agentes humanos e não-humanos inseridos nela, para mapeá-la.</p>
--	--	--	---